

O GAZETEO.

Publica-se no 1.º, e 15 de cada mez }
 Assigna-se na Typographia onde se }
 imprime, e mais lojas do costume. }

{ Assignatura por tres mezes — }
 200: — Avulso 40 reis. }

SEGUNDA FEIRA 15 DE JULHO.

A UNIVERSIDADE E A LITTERATURA.

Muito mais antiga que o nosso seculo é a erronea ideia d'aquelles, que se aprazem a achar incompatibilidade entre as palavras — Universidade e litteratura — sciencias e bellas-lettras: — a filauca de muitos verzejadores, que tão indevidamente téem assumido entre nós o pomposo titulo de *Poetas*; — o despeito dos, que, tendo dissipado a sua esperançosa juventude nos prazeres e bulicio dos capitães, córada apenas sua ignorancia com o arrebique de algumas superficiaes leituras, se acham, sem o sentir, entrados na quadra das ambições, ermos de toda a qualificação ou gráo litterario, e na impossibilidade em que estão de jamais o haverem (pois não é venera, que se compre com vilezas, ou com presentes, ou com sedições); — finalmente a rivalidade que sempre tem existido entre outras corporações da mesma natureza, e as Universidades; — eis os principaes motivos, que, a nosso ver, téem alimentado esse falso presuppoto.

Só quem muito prevenido estiver, é que se recusará a admittir, que a regularidade dos estudos produz o habito da applicação: esse habito pois não tarda em constituir-se necessidade para quem o adquiriu, e o que ao principio era para os alumnos forçada taréfa, a cuja execução se entregavam invítos e contrariados, se torna pelo correr dos tempos a sua occupação favorita. — Afeitos d'esta maneira ao ferrenho estudo das sciencias, chegando ainda a achar deleite nas mais aridas, e

desenfado nas que parecem mais enfadonhas, com que avides não devoram depois os livros de litteratura; com que afincos se não entregam, quando livres, ás bellas-lettras, como prazeres do maior incentivo, comparadas com o espinhoso dos lavoires, que lhes attrahiam as attencões, e que, pola força do habito, exclusivamente os empregariam, a não haverem sendas mais suaves para seguir?

Si estas reflexões se verificam na maior parte dos casos, com muito mais rasão devem ellas ter immediata cabida na Universidade de Coimbra, aonde concorrem circunstances, que — ousamos asseveral-o — em nenhuma outra se dão; circunstances todas tendentes a corroborar por seus resultados as opiniões que á pouco emittimos.

Como filha a mais peregrina do Mondego se ergue Coimbra de entre a limpidez das aguas, a recostar-se, como de cançada, no verdor do monte visinho; as perolas que se lhe engastam no diadema são — palacios de reis, templos de Godos, alcaçares de sciencias — e essa corôa antiga ainda mais lhe realça a formosura loução: em torno vereis, arrelvarem-se prados, curvarem-se bosques, e veigas florecerem, bordadas per filêtes de pura linpha, que semelham nervuras em verde folha de lorangeira. . . . Lorangeiras lhe dão fragancia ás auras; e a palidez dos olivêdos toda a envolve em doce melancolia.

Tal é Coimbra physica: — ah tudo se conspira a inclinar a mente á poesia, e meditação, e por consequencia ás paixões suaves e contemplativas, que tanto purificam a alma, e são alicerses

de muitas virtudes. — Os usos e costumes dos cidadãos são hoje com pouca differença, o que eram ha muitos seculos: o feriado dos estudantes é o seu feriado: estudam estes, reina o silencio em toda a cidade: chegam por fim as ferias; é logo sepultada em extemporanea hybernacão; — Coimbra é triste como um tumulo. — Esta conformidade dos habitantes com a academia é por extremo favoravel ao estudo; o interesse que elles tomam em tudo quanto lhe diz respeito faz com que o objecto das conversações sejam as aulas, e os estudantes que no dia se distinguiram. — Fomos nós d'aquelles, que nos deslumbrámos com a brilhante prespectiva do *Instituto* que esteve a ponto de vingar em Lisboa; mas a reflexão nos tem desenganado. — Coimbra é para as lettras; seja Lisboa para os sarãos e theatros.

Sarãos e theatros tem Coimbra, e a civilisação ha penetrado atravez do gothicismo, ou (como la lhe chamam) do *jezuitismo*: a restauração estendeu o seu salutar influxo até á universidade, na qual desde essa epoca começou a doçura da convivencia a cazar-se com o isolamento do estudo.

Tem actualmente Coimbra uma assemblêa, aonde se reune todas as vesperas de feriado, grande parte de estudantes, lentes, e individuos da cidade, havendo todos os quinze dias reunião a que tambem concorrem senhoras; um theatro dos academicos, outro dos conimbricenses; um Canservatorio Dramatico &c. E' notavel a tendencia da academia para os divertimentos theatraes, e para a litteratura dramatica: alguns dramas ja

d'ahi téem resultado, e é de esperar, que muitos mais vão apparecendo no porvir.

E' bem para deplorar, que os desmanchos de alguns academicos tenham nestes ultimos tempos maculado a fama de uma corporação cuja grande maioria é de muito dignos mancebos: os acontecimentos ultimamente occorridos n'aquella cidade, e cujos symptomas, ja de ha muito, começavam a manifestar-se, téem sido geralmente attribuidos a uma fracção de estudantes, que, apenas sahidos da infancia, soltos de todas as pêsas, e confiados polos exemplos de impiedade per elles proprios presenteados, déram em retouçar com todas as largas, sem attenderem que para elles apparelhavam o mal. — Vergonha aos nossos governos, polo desleixo com que téem deixado entregues a si per tanto tempo centenaes de mancebos, que, na idade das paixões, reunidos, e livres como o vento, só por milagre se conteriam; — remorso os acompanhe, pola perdição d'aquelles, que porventura não sabendo o que faziam, se deixaram arrastar ao precipicio, e foram segregados da communhão das lettras; — remorso, pola desgraça dos filhos, como pola consternação dos paes. — Grande responsabilidade lhes peza sobre!

Restituiam-se á Universidade os seus antigos privilegios, e bem os póde ella ter, pois que realmente constitue um quarto poder do Estado, um poder moral. — O das LETTRAS: — dêsse-lhe um Conservador; dêem-se-lhe Verdaes; muito embora se lhes não chame *Verdaes* nem *Conservador*.

Conclusão do artigo começado em nosso N.º 3, e continuado em o N.º 4. Resumida noticia da vida de D. N. A. P. de Mello, Sexto Duque de Cadaval. &c.

Mau advogado foi em nosso intendido o B. de V., quando lançou mão de circumstancias, que podia omittir, tão pouco aptas para derivar louvor, quanto, supposto que embreve, reflectidamente ponderámos.

Não só pertencem á mesma classe as que relata no §. seguinte, senão que tambem em respeito ao escriptor são por certo notaveis. Diz elle pois: —

“ O anno de 1826, que foi o vigesimo setimo da idade do Duque, foi o primeiro da sua vida publica. Adoeceu El-Rei D. João VI., em principios de Março, e crescendo muito em gravidade a molestia, mandou, dizem, lavrar um Decreto de Regencia, que não pôde assignar logo, mas que, cobrando algum alivio e alento assignou depois. N'este Decreto, datado de 6 d'aquelle mez, se nomeou, com effeito, uma Regencia, que se compunha da Infanta D. Izabel Maria, do Cardeal Patriarca de Lisboa, do Duque de Cadaval, do Marquez de Vallada, do Conde dos Arcos, e dos actuaes Secretarios d'Estado, com voto, cada um, na sua repartição. Continuou, e agravou-se a molestia depois da assignatura, e no dia 10 segundo o que se fez publico, falleceu El-Rei e ficou a Regencia no pleno exercicio dos seus poderes.

“ Sirvo-me dos terceiros dizem, segundo o que se fez publico, por que de uma e outra coiza se fizeram, no tempo, juizos varios e encontrados; e eu tenho alguma razão de crêr, que tal variedade e contrariedade não deixou de ter motivo. O certo é que sobre a molestia ultima d'El-Rei e suas circumstancias pendeu uma nuvem de misterio, que a poucas pessoas permittiu ver bem claro, e o certo é, que o que se seguiu precisava, n'aquella occasião, de resguardos, e precatos, que na verdade se tomáram, e que deviam dar azo a romores varios, e aucthorisavam suspeitas.

O B. de Vizeu parece pois duvidar do dia do falecimento d'El-Rei D. João VI. por que os juizos eram varios.

Mas o Bispo de Viseu, que, como já transcrevemos a pag. 6 — „ tratou o Duque de perto mais de dez annos, que teve varias occasiões, e meios opportunos de se *informar largamente dos acontecimentos...* „ não teve curiosidade de se informar *exactamente* deste tão importante? *Nam* *lha* *provocaram* *jamais* *esses* *juizos* *varios*? Ou o Duque, o qual *todo* *lhe* *contava* *largamente*, não quiz em tal assumpto dizer o que sabia? Ou nada sabia o Duque?

Não lhe faremos tamanha injuria, que fóra pelo menos havel-o por extremamente despresador das cousas do Estado, e dos cerimoniaes da Corte. Nomeou-o El-Rei por Decreto de 6 de Março um dos Governadores do Reino, e não lhe foi beijar a mão? E não lhe falou, ou falou depois? E por qual razão em nome do Governo, ou antes pelo Governo se passaram tantas ordens, quantas para o enterramento foram necessarias, declarando-se e repetindo-se que S. Magestade falecera no dia 10?

Ainda não podemos atinar com a razão pela qual os fautores do partido do ex Iofanre negaram (*tal foi J. A de Macedo, Bucla, e outros*), que

El-Rei falecera no dia 6: por que não vemos, que d'ahi proviesse nem bom, nem mau direito a nenhum dos partidos. O facto é todavia, que aquelles podiam disculpar-se pela ignorancia; mas o B. de Vizeu, que tantas razões tem de o saber, como elle proprio assevera, sustentando a duvida, se apresenta de tal sé, que de nenhuma sorte se accredita.

Falando da batalha de Caciilhas, e espontanea retirada de Lisboa do Duque com todas as tropas, elle pretende justificar a necessidade da medida. Em quanto á nós a responsabilidade do Duque na qualidade de General (questão de partidos á parte) está justificada: o Duque em um lance, que lhe pareceu inopinado e extremo, convocou um conselho dos commandantes: este decidiu a retirada: nem honvor nem desmerito pertence ao Duque.

A habilidade do Duque, assim como a de todos esses taes commandantes é que para nós temos por injustificavel. Não é do nosso proposito relatar como com a sua pequena divisão expedicionaria o Duque da Terceira burlou as grandes forças do Vi. de Molelos: mas cumpre não perder de vista, que antes de vencer em Caciilhas, já desbaratara em Setubal a divisão de Freitas.

Um estratagemna na guerra assaz frequente: — pedir em Almada seis ou oito mil raçãoes; uma falsa noticia telegraphica; a morte de Telles Jordão; o medo com que o filho d'este contava, que vira seis mil lanceiros; eis aqui a causa d'um terror panico, que a todas as tropas e commandantes da divisão do Duque de Cadaval calou pelas veias com o gelo da morte, e que os fez abandonar Lisboa, quando inda no Castello d'Almada tremulava a bandeira de D. Miguel (não a Constitucional como diz o escriptor); quando escaceara o vento de sorte que impossivel seria a entrada da esquadra do Almirante Cabo de S. Vicente pela foz do Tejo, rodeada, assim como todo o rio, de reductos, baluartes, e bocas de fogo.

O escriptor merece louvar-se por que mui concertada, e decentemente escreve; e admiramos, e respeitamos a maneira por que evita tocar em nomes de pessoas. Fóra o seu livro estimavel, se conseguisse livral-o de cór; mas isso é impossivel.

Por occasião de falar-mos do ultimo Duque de Cadaval, a justiça reclama dizer, que vamos d'accordo com o A. do livro em pensar, que a sua desventura proveio da epoca em que viveu, e das circumstancias, que o arrastaram; e porventura d'uma certa extrema docilidade de character, que o levou a ponto, donde embalde quereria depois retrogradar. — Incapaz de aconselhar medidas de terror, elle desagrado aos terroristas, que principalmente concorreram para precipitar

mais depressa aquelle de quem se diziam os defensores. O Duque na vida domestica foi homem de probidade instrucção, e honrradez; e a sua morte prematura é muito para deplorar: porque o tempo dos partidos acaba; e inda uma vez elle viria gosar na Patria a ventura, e a consideração a que sua alta linhagem, e louvaveis qualidades particulares lhe davam esperança e direito.

TELEOLOGIA OU FINALIDADE DO HOMEM.

Poema Physico-Moral pelo author do Triumpho da Natureza, das Jeremiadas &c. — Lisboa. Imp. Nac. — Um Vol. em 8.º — 95 pag.

Eis-aqui um poema didactico, e philosophico, devido á vasta sciencia d'um abalitado litterato portuguez. — A raridade d'este genero de produções, e os conhecimentos que ellas exigem no Poeta, são considerações que devem prevenir a favor d'esta obra.

O A. a dividiu em quatro Cantos — Morte, Juizo, Inferno, Paraiso — (novissimos do homem): em todos esses Cantos brilha a moral mais sã, os sentimentos mais philantropicos e virtuosos, vasta erudição nas sciencias physicas, e muita prespicacidade na applicação destas ao moral do homem e da sociedade. No 1.º Canto dá-se uma breve exposição do systema do mundo, muitas noções physicas sobre a constituição do nosso globo, e dos individuos que o compoem especializando o homem; e discorrendo amplamente per todas as suas phases moraes e physicas, investigando as causas dos vicios e virtudes, conclue com a morte, fechando o Canto com um paralelo entre a morte do justo, e a do impio.

Em todo este, e nos cantos que se seguem (dos quaes não falaremos com particularidade, por ser tarefa que excede as metas destes Periodicos) mostra o A. ser bem versado nas humanidades. — A Geognosia, a Chymica, a astronomia, a physiologia, grandes auxilios lhe ministram; e em todo o poema se vê um benevolo dezejo de propagar a verdade, e aditar os homens, reunido-os a todos sob o céleste manto da virtude e da religião; mostrando-se o A. bem diverso d'aquelle a quem se refere no Canto 3.º do seu Poema, nos seguintes versos:

„Ao erro dá linguagem feiteceira,
E ornando typographicas mentiras
Ao dia traz alluvião de males
De incognita nascente derivados”

Temos falado das partes scientifica e moral resta-nos a parte poética. — A natureza, — os fenomenos maravilhosos que ella appresenta; — o espectáculo do céu, ou marchetado de brilhantes estrellas em noite estiva, ou solitário deslisando per detraz da

Lua o desbotado azul; — as vagas, ja boiando adormecidas, ja rebentando em flócos, e ameaçando excavar os ultimos horisontes; — os ventos da procella, ou a bafagem da bonança; — o prado ou o bosque; — os calcinados pincaros, ou a montanha coroadada de verdura; — em uma palavra, a natureza; — eis a fonte da poesia; eis a *Musa* dos verdadeiros poetas. — A natureza, com os seus contrastes de horrorie formosura, com o seu grande e sublime, a par do ameno e deleitoso, com o seu murmurio continuo de vida e de morte... a natureza parece per si mesma exalar nesse murmurio, canticos de prazer e amor elegias de tristeza, hymnos de louvor ao seu Architecto! — E o poeta que a vê, que a sente, que a aspira; vê, sente, aspira, poesia...

Tal é a natureza olhada per olhos de poeta: — mas quão diversa (bem que não menos admiravel) quando sujeita aos dominios da sciencia, medida pelo compasso do geometra, discriminada pela retorta do chymico, regulada pela pendula do observador! — A investigação d'um eclipse, as perturbações de um planeta, as causas do fluxo e refluxo das marés, a explicação dos phenomenos meteorologicos, &c. e outros estudos semelhantes; sendo de muito mais interesse real para os homens do que a poesia, vão comtudo encher de *prósa* esses objectos solemnes, mares, céos, ventos. &c.

Não se diga pois que os assumptos *didacticos* [tomanda a palavra na sua accepção etymologica (*)] favorecem a poesia; são instructivos, são uteis mas requerem grande arte para não saberem a eschola

No poema — *Finalidade* sente-se essa frieza, cujas causas apontámos em geral. — Os versos sem poderem taxar-se de ríspidos, ou dissonantes, são todavia, pela maior parte, cançados e monotonos. A fraze é pura, e muito abundanse.

REVISTA DOS THEATROS

RUA DOS CONDES — No dia 7 do corrente foi pela primeira vez á scena o drama original portuguez intitulado — *Os Dous Renegados*: a expectação era grande; ás seis horas da tarde estavam todos os lugares de platéa tomados, e os camarotes haviam sido allugados com muita antecedencia: muitos centenares de individuos viram illudida a sua curiosidade pola pequenez do theatro, e não poderam satisfazer o seu dezejo de concorrer para o triumpho e gloria do joven Auctor. — Um moço, de desanove annos de idade, intentou um dos mais difficeis empenhos que podem ca-

(*) A palavra didactico vem do verbo grego *Διδασκειν* que significa ensinar,

ber nas faculdades de um poeta consumado — a feitura de um grande drama original! — Effeituou a sua empresa, e desse talento precoce resultou uma producção, que, pelas bellezas, força, paixões, moral, contemplação, e philosophia, que encerra, bem pôde considirar-se um fenomeno extranho, um limite remotissimo, onde nunca alguem chegou em tão pouca idade, e aonde nem todos chegam no espaço de uma vida inteira de estudo, de esforços, e de contemplação. — Pullulam em toda a obra luminosos e profundos pensamentos, e tanto, que é admiravel como uma cabeça de desanove annos poude comprehendel-os — quanto mais imaginativos: o estro dramatico do A. por toda a parte se revella, e, na verdade, se alguma vez se conceberam esperanças bem fundadas, é por certo esta uma das occasiões em que a probabilidade prestando-lhe nova força a torna quasi uma certeza. — O A. promete no futuro produções estupendas.

Não se julgue todavia que achamos perfeito este drama; bem longe estamos de assim o conceituar; e a misão d'imparcialidade que nos imposémos, nos véda — bem a nosso pezar — qualquer aduladora omissão naquillo que julgamos em nossa consciencia digno de censura. O progresso das letras — eis o nosso fito; e, com quanto demos ao entusiasmo o que lhe cabe, não tiramos á critica o que ella reclama. — Falámos em geral das bellezas do drama digamos tambem alguma cousa do que nelle nos desagradou, não querendo fazel-o desmerecer per modo algum, antes dar-lhe maior valia.

O 1.º acto é muito bem deduzido, e a exposição engenhosa; comtudo as duas ultimas scenas parecem-nos inteiramente superfluas, e como taes prejudicarem: é nossa humilde opinião que o acto acabaria perfeitamente quando *Lopo da Silva* tem acabado de preferir as palavras: — *Ao vencedor, a mão de Isabel*; — *ao vencido, a fogueira do judeu*...

No 2.º acto nada achamos que censurar a não ser a sua incorregção; e este mesmo defeito em todo o drama se faz muito visivel: — repete-se com grande excesso a phrase — *é mister*, e outras palavras que bem podiam variar-se por synonymos: tambem se nota (não nos lembra em qual dos actos) um *á longo tempo* que não é muito portuguez; mais do que uma vez se ouve a affirmativa — *á fé* — da boca de um escravo mourisco, quando ella sómente propria de christãos, ou *fiéis* (como antigamente lhes chamavam); nem mesmo julgamos que rigorosamente deva usar della o *mórdomo* nos seus dialogos graciosos; esta especie de jura competia mais a cavalleiros, e nos parece que para peões e servos era a correspondente — *bofé*.

E' pena que o 3.º acto perca tanto

pola excessiva demora do interrogatorio que se faz ao judeu *Simeão*; demora, que prejudica o interesse, não só por que fica o acto descomodidamente extenso, como por não ser essa um *personagem* principal.

O 4.º acto pareceu-nos o melhor de todos, cheio de movimento e de romantismo: a ultima Scena entre *Lopo da Silva* e *D. Isabel*, é da maior belleza e effeito.

No 5.º ha lances admiraveis; mas a chacara pareceu-nos demasiadamente prolixa, e pensamos que não deveria acabar no seu fim, mas ser interrompida, porque não é verisimil, que uma doida siga per tanto tempo um fio de ideas, e as remete concertadamente. A musica não é má até ao — *porém*. — mas d'ahi em diante é totalmente impropria de chacara, e contradictoria com o tempo a que o drama se refere: no tal — *porém* — começa um *recitativo*, o que é um verdadeiro anachronismo, e seguem-se depois cadencias no gosto moderno, havendo até uma *volata* — nem que fora *modinha de Schiopta*: a musica simples, monotona, e sentimental é que a chacara compete, (o que bem se vê nas que a tradição nos ha conservado) e não essas mudanças de tom que estão a mostrar artificio aonde tudo deve ser natural.

Tambem nos pareceu que os *apartês* burlescos do pagem, cortando de continuo o apaixonado monologo de *Lopo da Silva*, o extenuavam, distraindo a attenção, e provocando o riso em scena de tantos affectos e seriedade. Finalmente houve quem notasse de pouco delicado, terminar o drama com a suprema ventura de um homem, que havia desertado da sua religião — qualquer que ella fosse: isto porém é um melindre que nem todos comprehenderão.

Foi este drama desempenhado com perfeição — A Senhora *Talassi* e o *Sr. Epifanio* deram mais um exemplo do seu grande talento e progressos; o *Sr. Lisboa* soube-se tomar tanto do character que representava, que, em figura, gestos, voz, e ademanes era um *leigo* sem differença alguma; os outros Comicos nada deixaram a dezerjar; mas o que sahio da sua esphera, o que se elevou sobremaneira foi o *Sr. Ventura*: com o jogo physionómico o mais expressivo, o remorso, os zellos, o amor burlado, a inveja, a desesperação, lhe passavam sobre o rosto com uma verdade de cores, que surprehendia e maravilhava; não duvidamos dizer que em Pariz não desempenhariam muito melhor o papel de *Lopo da Silva*. — A chacara não produz bom effeito cantada pela *Sr. Talassi*: é para sentir que a esta grande actriz, cujo officio não é cantar, se desse o desempenho d'uma cousa, que muito bem podia ser committida a qualquer outra pessoa, assim éra muito facil ao *Sr. Doux*, ajus-

tar uma Corista de S. Carlos, ou outra qualquer curiosa, para ir cantar a chacara. A *Sr. Talassi*, talvez em consequencia de perturbação desahinou um pouco e perdeu o tom na repetição; e o acompanhador continuou sem ao menos transportar o arpejo, disfarçando assim aquelle trans-torno.

THEATRO DE S. CARLOS. — No dia 3 do corrente representou-se pela primeira vez a *Opera Ignez de Castro* composta pelo *Snr. Manoel Innuencio dos Santos*; tinham sido varios os rumores acerca d'esta producção nacional, que ja era esperada com impaciencia pelos amantes das cousas patrias, e que talvez veio demasiadamente cedo para aquelles que se afoitam a dizer — que não a pensar — que só Italianos são capazes de produzir boa muzica theatral. — A' muito por certo, que em S. Carlos não romperam tão vivos e geraes applausos, distinguindo-se no meio do entusiasmo geral, com que o auctor foi victoriado, os graciosos signaes de approvação da maior parte das Senhoras, que áquelle brillante espectáculo concorreram. — Desde 1827 em que foi á Scena a opera *Egilda de Provença*, producção de um genio portuguez — victima de prematura morte — nunca outra alguma peça de auctor portuguez foi vista em S. Carlos; oxalá esteja ao *Sr. Manoel Innuencio* reservada a gloria de vir despertar o talento musico dos seus compatriotas, excitando-os, com o exemplo que lhes dá, a fazerem del-le uzo tão proficuo.

A peça não é perfeita, mas as bellezas lhe excedem muito as imperfeições: a instrumentação é obra de mão de mestre, posto que faça lembrar bastante a que ordinariamente se applica a objectos sagrados; abunda de recitativos, e em algumas partes tem pouca vida; comtudo geralmente é boa, e alguns treixos se lhe notam que são escriptos com grande gosto, sendo toda ella com sabedoria: a scena final do 1.º acto é obra-prima, como tambem o quarteto. — Sentimos não poder ser mais explicitos porque de uma só representação pouco se póde colher; voltaremos pois ao assumpto, quando melhor informados.

No desempenho se houveram todos os actores muito bem, com especialidade a *Sr.ª Claudia Ferloti* e os *Sr.ª Coletti, Conti, e Marianni*.

Por derradeiro repetiremos uma bem fundamentada queixa, que ouvimos aos frequentadores e assignantes do T. de S. Carlos; e vem a ser que a ultima vez que foi á Scena o — *Desertor por amor* — não se cantou o duetto do 2.º acto, e a *Sr.ª Ferloti* não repetiu, como devia, a *Cabaletta final*; e desta omissão nem ao menos se pediu desculpa no transparente.

LITTERATURA DA RUSSIA.

Continuado do numero antecedente).

Um prefacio que vem em primeiro lugar dá um resumo da historia, character e civilização dos Georgianos; segue-se outro contendo o que diz respeito aos dogmas, lithurgia, e ás instituições religiosas dos Mahometanos do Alem-Caucaso, objecto digno de estudo, e quasi que inteiramente ignorado na Europa. — Appensa a esta obra vem uma Carta geral das provincias transcaucasianas tirada em 1836 per *Kotokoloff*, e que não é das mais inferiores peças dessa bella collecção.

Finalmente ainda mencionarei, entre as riquezas historicas de 1838, o *Diccionario dos Litteratos Russos* começado pelo metropolitano *Eugenio*, e continuado depois da sua morte per *Sneguiref* ex-professor na Universidade de *Moscow*: os trabalhos estatísticos de *Passék*, com o titulo de — *Esboços da Russia*, e de que ainda só appareceu o primeiro volume, contendo um estudo notavel ácerca da Orographia do territorio russo, e um quadro bem ao vivo do estado actual da Sibetia; a nova Geographia de *Grotsek* na qual se empregam louvaveis diligencias por alcançar uma orthographia racional dos nomes estrangeiros, difficuldade maior ainda no idioma russo, que em todas as outras linguas europeas.

Enriqueceram-se tambem as Sciencias militares com um *Tractado de Tactica* pelo general *Meden*, com uma *Geographia militar*, contendo um particular systema do auctor — pelo Coronel *Joskoff*; enfim com os primeiros volumes da Bibliotheca militar, redigida segundo o plano da que se publica em França, destinada egualmente a correr pelas mãos dos officiaes, afim de vulgarisar os conhecimentos relativos á arte militar, e dissimular-lhe o interesse.

A grande *Encyclopediã alfabetica*, cuja publicação se emprehendem na Russia, veio ainda associar em certo modo este paiz ao movimento europeu, que em França, Alemanha, e Inglaterra, tem, á obra de meio seculo, multiplicado as producções deste genero. — Já se lhe contam desesseis volumes; mas é de receiar que as amudadas mudanças no pessoal dos redactores, as muitas inexactidões na redacção, e a falta de um plano seguido com regularidade, assaz não prejudiquem esta empreza, e lhe tirem os meios de poder medir-se com as estrangeiras, as quaes lhe irão a concurso até na propria Russia.

(Concluir-se-ha)